



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Andreia Manuela Fernandes Ferreira

**A “Saída do Armário”: Um Estudo
Exploratório com Mães e Pais de
Lésbicas e Gays**

Andreia Manuela Fernandes Ferreira A “Saída do Armário”: Um Estudo Exploratório com Mães e Pais de Lésbicas e Gays

UMinho | 2012

outubro de 2012



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Andreia Manuela Fernandes Ferreira

A “Saída do Armário”: Um Estudo Exploratório com Mães e Pais de Lésbicas e Gays

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia
Área de Especialização em Psicologia Escolar e da Educação

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Luísa Saavedra

outubro de 2012

DECLARAÇÃO

Nome: Andreia Manuela Fernandes Ferreira

Endereço Eletrónico: a52947@alunos.uminho.pt

Título da Tese de Mestrado: A “Saída do Armário”: Um Estudo Exploratório com Mães e Pais de Lésbicas e Gays

Orientador(es): Professora Doutora Luísa Saavedra

Ano de conclusão: 2012

Designação do Mestrado: Mestrado Integrado em Psicologia, na Área de Especialização em Psicologia Escolar e da Educação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 19 de outubro de 2012.

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Este trabalho surgiu depois de muito tempo e esforço despendido, pela motivação e apoio dos mais próximos. Agradeço sinceramente a todos aqueles que de forma direta ou indireta me apoiaram. Quero, no entanto, agradecer a algumas pessoas em particular:

À minha orientadora, a Prof. Doutora Luísa Saavedra pela disponibilidade, dedicação, compreensão e orientação ao longo da realização desta dissertação.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação académica e profissional.

Aos meus pais e avô, por serem os meus principais pilares. Pelas palavras de conforto nos momentos mais difíceis desta caminhada e pelo voto de confiança.

À Dona Fátima e ao Hugo por ter sido grandes amigos e me terem apoiado nos momentos mais difíceis.

Ao Bruno e à Andreia por serem os amigos do peito e estarem presentes nos momentos mais importantes da minha vida, sem exceção.

À Jessica, à Maria e ao Martinho pela partilha de conhecimentos e suporte emocional prestado em todas as fases da realização da dissertação.

A todos aqueles que se disponibilizaram para serem entrevistados e contribuíram para a realização deste trabalho.

Um especial obrigado à AMPLOS por me ter recebido e por ter permitido que obtivesse os contactos que possibilitaram a realização das entrevistas.

“Não basta apenas sonhar para a obra nascer.”

(Autor desconhecido)

RESUMO

As reações parentais, em relação à “saída do armário”, envolvem percursos que, ainda, não estão totalmente compreendidos. A evolução social permitiu que emergissem novas concepções dos pais e mães em relação à orientação sexual dos progenitores, superando-se assim, as visões mais tradicionais de família.

Este estudo empírico teve como principais objetivos avaliar o modo como pais e mães gerem a “saída do armário” dos seus filhos; as reações parentais que marcam este processo e que estratégias são utilizadas na aceitação e integração da orientação sexual dos filhos e filhas.

Os participantes são seis figuras parentais (cinco mães e um pai) cujos filhos já tenham feito o *coming out*. A idade da amostra, no momento da entrevista, varia entre os 52 e os 70 anos ($M=59.33$; $DP=7.37$). O instrumento aplicado para a recolha de dados foi a entrevista semiestruturada, através da utilização de um guião, previamente estruturado. Este continha oito questões fundamentadas nas seguintes linhas: (1) avaliar se existe um padrão de resposta dos progenitores, no modo como gerem o *coming out* dos filhos e filhas; (2) que estratégias usam durante este processo e (3) que mudanças ocorrem nas relações da família nuclear, durante e após o processo de “saída do armário” dos filhos e filhas. As entrevistas foram analisadas seguindo os pressupostos da Análise temática.

Os dados recolhidos sugerem que existem reações parentais comuns em quase todos os casos avaliados (negação, medos, aceitação). No entanto, verificaram-se diferenças individuais e situacionais, pelo facto das reações não ocorrerem segundo um continuum ou ordem específica, mas sim consoante o contexto/situação. O associativismo, a partilha de experiências e a procura de informação acerca da orientação sexual foram as estratégias mais recorrentes. Relativamente à mudança, a maioria das figuras parentais refere que ainda se encontra a adaptar às questões do casamento homossexual e da possibilidade da adoção.

Finalmente sugere-se que em investigações futuras haja um maior enfoque no papel que a família nuclear desempenha na vida das minorias sexuais.

Palavras-Chave: “Saída do armário”, orientação sexual, identidade sexual, núcleo familiar, LGBT.

ABSTRACT

The parental reactions in relation to "coming out", involve pathways that also are not fully understood. Social evolution has allowed the appearance of new concepts from parents regarding the sexual orientation of their descendents, thus surpassing more traditional views of family.

The main purposes of this empirical study, is to show how the parents handle the out-coming of their descendants; parental reactions that characterize this process and strategies that are used in the acceptance and integration of the sexual orientation of their sons and daughters.

Participants are six parental figures (five mothers and one father), who's son's or daughter's already had done their own "coming out". The age of the sample, at the time of interview, varies between 52 and 70 years old. The instrument used for collecting data was the semi-structured interview using a script, previously designed. This was composed by eight questions based on the following guideline: (1) to evaluate whether there is a pattern of response of the parents, in the way they manage the "coming out" of the sons and daughters (2) what strategies do they use doing this process and (3). changes that occur in the relations of the nuclear family, during and after the process of "coming out" of their sons and daughters. The interviews were analyzed following the assumptions of Thematic Analysis. The data collected suggests that there are common parental reactions in all cases evaluated (denial, fears and acceptance). However, there were individual differences and situational, in that the reactions do not occur according to a continuum or specific order, but are influenced by the context/situation. Sharing the information, experiences in associations, and the search for information about the sexual orientation were the strategies more used. Regarding the change, most of the parental figures are still adapting to issues of gay marriage and the possibility of adoption.

Finally it is suggested that in future investigations there is a greater focus on the role that the nuclear family plays in the lives of sexual minorities.

Key-Words: “Coming out”, sexual orientation, sexual identity, nuclear family, LGBT

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	3
Resumo	4
Abstract	5
Introdução	7
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	10
Introdução	10
Orientação sexual, formação de identidade sexual e <i>coming out</i>	10
Reações parentais: núcleo familiar de Lésbicas e Gays	13
Conceptualizações baseadas em estádios	14
Perspetivas fenomenológicas	15
Fatores que interferem na aceitação parental	16
CAPÍTULO II – ESTUDO EMPÍRICO	19
Introdução	19
Método	19
Participantes	19
Instrumentos de medida	20
Procedimentos	21
Método de análise	21
Resultados e Discussão	22
Tema 1: “saída do armário”	22
Tema 2: reações posteriores	25
Tema 3: estratégias para ultrapassar a “saída do armário”	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade que se rege por padrões heterossexistas e que encara as minorias sexuais ainda com bastante pudor.

No que respeita às questões da homossexualidade, a psicologia como ramo do saber, deu um contributo perigoso neste campo e teve sérias responsabilidades na manutenção da segregação de minorias sexuais. Numa abordagem inicial a estas questões de investigação que durou até a década de 70 do século XX, foi mantida uma visão patologizante e de estigma para com as sexualidades não normativas (Frazão & Rosário, 2008). A mudança de paradigma ocorre em 1973, na American Psychiatric Association e na American Psychological Association em 1975, quando ambas retiram a homossexualidade do DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorder) (La Sala, 2000). A partir deste momento, a investigação ultrapassa a obsessão pelas causas e patologia e mantém o foco de estudo nas características psicossociais e atitudes sociais da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais) (Nogueira & Oliveira, 2010). Em Portugal, vários fatores afastaram a questão da homossexualidade da ordem do dia. A ditadura que durou até 1974 e as transformações políticas ocorridas após o 25 de Abril são apontadas como as principais causas do atraso da realidade portuguesa comparativamente, a outros países europeus. Enquanto, esses países, durante este período iam sofrendo significativas transformações legais e sociais, no que diz respeito às relações de género e aceitação da homossexualidade, as elites políticas portuguesas não deram a devida atenção a estas questões. A partir de 1990, a comunidade LGBT ganha alguma visibilidade em Portugal, na sequência de movimentos de luta contra o VIH/ Sida e com o aparecimento de movimentos associativos que vão ganhando consistência e respeitabilidade. A Associação Abraço e a Ilga Portugal foram pioneiras no impulsionamento destes movimentos (Oliveira, 2010). Atualmente, Portugal possui uma grande panóplia de associações sediadas (Panteras Rosas, Clube Safo, Opus Gay, Caleidoscópio, entre outras). Contudo, a rede de apoios sociais para o próprio indivíduo e para a sua família nuclear é ainda escasso, sendo de salientar no primeiro caso a rede ex-aequo e no segundo a Amplos – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual (Vale de Almeida, 2010). Estas minorias sexuais encontram-se, atualmente,

numa posição de destaque nas linhas de investigação em psicologia, não só pela controvérsia que gira em torno desta problemática, mas também pela importância social do tema no enquadramento e aceitação de estilos de vida não convencionais (Oliveira, 2010).

O termo orientação sexual refere-se a um indivíduo que possui uma identidade pessoal e social com base nas suas atrações afetivas e/ou sexuais, que manifesta determinados comportamentos e adere a uma comunidade de pessoas que compartilham a mesma orientação sexual. (APA, 2008)

Assumir uma orientação sexual não normativa perante a sociedade ou perante a família acarreta muitas implicações. (Kurashige & Francisco dos Reis, 2010). Autores como Heilborn (2004), Roudinesco (2003) e Santos (2004) demonstram que a visão tradicional de família tem sofrido alterações impulsionadas pela evolução social originando diferentes concepções dos pais e mães heterossexuais em relação à orientação sexual dos filhos e filhas. Neste sentido, emerge, a necessidade de compreender como é que os pais e mães percecionam o *coming out* dos filhos e filhas, as fases pelas quais passam quando estes e estas se assumem e que estratégias utilizam na aceitação da orientação sexual dos/as mesmos/as. Esta linha de investigação mostra-se bastante pertinente, tendo em conta a escassez de estudos direccionados para o núcleo familiar central do indivíduo LGBT.

O presente estudo teve como principal objectivo avaliar como encaram as figuras parentais a “saída do armário” dos seus filhos e filhas. Pretende-se compreender que estratégias e recursos são utilizados pelos pais e mães na aceitação e adaptação à orientação sexual do/a filho/a.

Esta dissertação é constituída por dois capítulos, sendo que cada um deles se encontra dividido em secções. No primeiro capítulo, denominado de enquadramento teórico, é apresentada uma revisão da literatura estudada. Na primeira secção – Orientação sexual, formação da identidade sexual e *coming out* – são expostas as definições de cada conceito e apresentadas abordagens e linhas de investigação destes processos. Na segunda secção – Reações parentais: O núcleo familiar de Lésbicas e Gays – são abordados os fatores que podem influenciar as respostas parentais e apresentados alguns modelos explicativos da escalada de reações. A última secção – Fatores que interferem na aceitação parental – foca-se nas estratégias utilizadas pelos pais e mães sendo mapeados os

recursos que estes utilizam, para a par com os seus filhos e filhas realizarem um “*coming out*” positivo e saudável.

No segundo capítulo, é apresentado o estudo empírico realizado, os seus resultados e é efectuada uma discussão integrada desses mesmos resultados. Numa primeira fase, é descrita a metodologia adoptada neste estudo qualitativo. É efectuada uma descrição da amostra, apresentados os instrumentos de medida utilizados e os procedimentos de recolha e análise dos dados recolhidos. Por fim, são expostos os resultados e a discussão dos mesmos, com base nos princípios da Análise Temática e das questões de revisão teórica que conduziram todo o estudo (Braun & Clark, 2006). Nas conclusões é efectuada uma análise sumária do trabalho realizado, são apresentados os resultados mais significativos obtidos com este estudo e, finalmente, exposta uma breve reflexão acerca dos limites e implicações futuras de investigação que esta dissertação suscitou.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Introdução

Este capítulo foi construído em três secções. Na primeira – Orientação sexual, formação da identidade sexual e *coming out* são clarificados estes três conceitos e apresentadas as linhas de investigação dos temas que se mostraram mais pertinentes para a construção da presente dissertação. Na segunda secção – Reações Parentais: o núcleo familiar de Lésbicas e Gays – são apresentados os modelos explicativos da escalada de reações parentais a partir, do momento em que os filhos e as filhas fazem o *coming out*, pretende-se avaliar se existe um padrão nas reações parentais, tendo subjacente a ideia de que são individualizadas e complexas. É importante ressaltar ainda que fenómeno da “saída do armário”, na presente dissertação, foca-se mais na esfera parental, do que na esfera do próprio indivíduo. Na secção final – Fatores que interferem na aceitação parental – a partir da literatura recolhida, é feito um levantamento das estratégias e recursos parentais mais utilizados durante o processo de *coming out* das filhas e filhos.

Este capítulo termina com uma reflexão final dos princípios teóricos que foram emergindo durante o decorrer da revisão de literatura.

Orientação sexual, formação de identidade sexual e *coming out*

O termo orientação sexual refere-se à preponderância de sentimentos, pensamentos e fantasias com membros de um sexo oposto, do mesmo sexo, ambos ou nenhum. Encontra-se presente no indivíduo e serve para demarcar aspetos do desenvolvimento tanto biológicos como psicossociais (Rotheram-Borus & Langabeer, 2001). Em contrapartida, o termo identidade sexual refere-se a uma construção social que pode ser localizada histórica e culturalmente. (Carneiro, 2006). Porque as pessoas não-heterossexuais são uma minoria a sua orientação sexual acaba por ser necessariamente afirmada perante um número maior ou menor de pessoas mais ou menos próximas. Este processo através do qual um indivíduo declara uma identidade sexual não heterossexual aos seus amigos, familiares ou outros é designado por *coming out*. (Ben-Ari, 1995), que em português se denomina frequentemente, por “saída do armário”.

A adolescência é um período crítico do desenvolvimento que acarreta um maior índice de comportamentos de risco (uso de drogas e comportamentos sexuais de risco). É nesta fase, que os jovens começam a explorar os seus papéis, a identidade sexual e começam a ter relacionamentos íntimos com os seus pares, tanto do sexo feminino, como do masculino (Erickson, 1972).

Independentemente da sua orientação sexual, os jovens valorizam a relação com a família nuclear, pois, é aqui que obtém grande parte da manutenção física e emocional (Kurashige & Reis, 2010). A família possui, portanto, um papel preponderante, no ensino dos recursos e estratégias de como lidar com o mundo, funcionando como um fator protetor que ajuda os jovens a lidar com os comportamentos de risco. Estes, por sua vez, desejam uma relação positiva com a sua família, pois é neste contexto que conseguem preservar o seu senso de integridade pessoal e expressar verdadeiramente a sua identidade sexual (Frazão & Rosário, 2008).

A investigação tem sido escassa para responder às questões de como, quando e a quem se deve fazer o *coming out*. As linhas atuais de investigação, neste ramo têm utilizado os modelos de estádios desenvolvimentais na compreensão da formação de identidades não heterossexuais (Savin-Williams, 2006). Por norma, estes modelos descrevem o processo de formação de identidades sexuais minoritárias de forma linear: (1) numa fase inicial, o indivíduo esconde a sua atração por pessoas do mesmo sexo; (2) em seguida, passa por uma fase de questionamento e comparação de identidades (heterossexual *versus* homossexual); (3) posteriormente identifica-se como homossexual e “sai do armário”; (4) e finalmente consegue integrar uma identidade homossexual de forma saudável na sua vida (Cass, 1979). Tem sido sugerido que os indivíduos podem avançar e voltar atrás nos estádios de desenvolvimento, à medida que vão explorando a sua identidade sexual nos diversos contextos e ambientes em que se movem (Fassinger & Miller, 1996).

Uma outra linha de investigação, neste campo, defende que os modelos acima referidos não abordam da forma mais adequada as complexidades e variações do desenvolvimento das identidades não heterossexuais (Elliason, 1996). Este tipo de investigação sugere que o processo do desenvolvimento da identidade sexual não é linear (Savin-Williams, 2006) mas é um processo contínuo e interativo (Horowitz & Newcomb, 2001).

De modo a garantir um determinado nível de controlo no suporte recebido por amigos e familiares, muitos jovens optam por permanecer discretos e seletivos quando partilham experiências homossexuais. A literatura sugere que, por norma, os jovens revelam primeiro a sua identidade sexual aos pares e só depois aos progenitores e restantes familiares. Este fato demonstra a importância e as precauções que os jovens tomam antes de assumirem a sua identidade sexual perante as figuras parentais. (Savin-Williams, 2006).

Os jovens pertencentes a estas minorias sexuais tentam manter um elevado nível de suporte familiar, após terem relevado a sua orientação sexual. Esta particularidade foi encontrada em diversos estudos que apontam que jovens homossexuais não recebem o mesmo tipo de apoio familiar, quando comparados com jovens heterossexuais (Savin-Williams, 2006; Tellojohann & Price, 1993). Na verdade, o *coming out* pode dar origem uma crise familiar (Kusnetzoff, 1991). Isto acontece, porque muitos/as pais/mães reagem, inicialmente, de forma negativa ao processo de “saída do armário” dos filhos ou filhas. As reações podem ir da extrema hostilidade, à rejeição e passar pelo abuso e violência. Quando os progenitores não fornecem qualquer tipo de suporte, devido às crenças homofóbicas ou heterossexistas, os jovens sentem-se isolados e desconectados das suas famílias (Frazão & Rosário, 2008). Mesmo os pais e mães que procuram fornecer suporte às filhas e aos filhos, podem, inicialmente ter reações negativas. Os pais também atravessam um processo de “*coming out*” paralelo ao dos filhos e filhas. A aceitação demora o seu tempo e é aconselhável que seja feita ao lado de um psicólogo ou de grupos de suporte de modo a obter informação mais precisa acerca deste tema (Savin-Williams, 2006). Como demonstram Goldfried e Goldfried (2001), não realizar o *coming out* pode ter repercussões negativas na vida dos indivíduos, uma vez que a omissão da orientação sexual está correlacionada com altas taxas de depressão e suicídio, alcoolismo, abuso de drogas e outras substâncias.

Quando existe aceitação e abertura por parte da família e amigos a “saída do armário” é resolvida de forma mais saudável. Nestes casos o assumir de uma identidade sexual pode estar associado a um aumento da autoestima (Boxer, Cook & Herdt, 2001), a uma relação mais próxima com os pais (Savin-Williams, 2006) e a uma elevada sensação de bem-estar (Goldfried & Goldfried, 2001). Deste modo, a aceitação e o suporte familiar são fatores preponderantes para a resolução de um

coming out positivo associando-se a scores elevados na saúde mental e autoestima. Assim como pode, também, ajudar a lidar com o impacto verbal e físico de outros que não aceitam orientações sexuais não heterossexuais (Savin-Williams, 2006).

Reações parentais: núcleo familiar de Lésbicas e Gays

Durante todo o processo da “saída do armário” as reações parentais envolvem percursos que, ainda, não estão totalmente compreendidos. Os processos inerentes à mudança de uma visão negativa acerca da orientação sexual das filhas e filhos para uma visão positiva e aceitante, ainda não foram explorados na sua total complexidade, como referido anteriormente. Assim, ressalva-se a importância desta dissertação, uma vez que através deste estudo pretende-se explorar como os pais e mães vivenciaram tais mudanças e que “ferramentas” foram recrutadas para ultrapassar a “saída”.

Uma das causas que pode estar associada à escassez de estudos acerca do “*coming out*” parental é que a maioria das investigações, até à atualidade, tem tido como foco essencial apenas o impacto do que é assumir uma identidade sexual não normativa na vida dos jovens. Assim como a complexidade envolvida no núcleo familiar, isto é, muitos dos pais e mães não querem falar da orientação sexual dos seus filhos e filhas e/ou poucos dos jovens referenciam as figuras parentais para estudo (Savin-Williams, 2006).

A partir do momento em que o filho assume a sua identidade sexual, vão ser desencadeadas determinadas reações parentais que podem ocorrer, seguindo determinado padrão ou desencadeadas por determinado acontecimento. Podem durar pouco tempo (semanas ou meses) ou estender-se por muito tempo (vários anos). Mas de um modo geral, a literatura sugere que as figuras parentais se tornam mais tolerantes com a orientação sexual das filhas e filhos à medida que o tempo passa (Savin-Williams, 2006).

No que respeita ao período pós -“saída do armário” existem, também, escassos estudos referentes às atitudes parentais (Ben-Ari, 1995). Como foi acima referido, muita da literatura acerca da questão de assumir uma identidade não-heterossexual perante os progenitores reporta apenas as respostas negativas que os pais e mães podem tomar (Boxer, Cook & Herdt, 2001) que podem ir do abuso emocional e físico, à rejeição e a cortes financeiros. (Savin-Williams, 2006).

Jones (1978) e Weinberg (1973) foram os pioneiros, no que toca, aos estudos do impacto do *coming out* dos jovens na vida dos progenitores. Estes dois investigadores sugeriram que as primeiras reações parentais seriam a sensação de que o descendente se tornara repentinamente num estranho ou sentimentos de culpa, onde relacionavam um suposto mau desempenho parental com a orientação sexual das filhas e filhos.

Outros estudos sugeriram que as reações iniciais dos progenitores face à “saída do armário” das filhas e filhos seriam o choque, a vergonha e a culpa (Ben-Ari, 1995); medo e sentimentos de culpa (LaSala, 2000); sentimentos de arrependimento, confusão, negação, fúria e depressão (Savin-Williams, 2006).

As investigações mais recentes demonstram que estas reações raramente permanecem estáveis e que cerca de metade dos pais e mães acaba por aceitar a orientação sexual dos seus descendentes (Ben-Ari, 1995; Savin-Williams, 2006). Torna-se importante, ressaltar que apesar de poder existir um padrão de resposta, cada figura parental experimenta reações individualizadas, diversificadas e complexas (Savin-Williams, 2006).

Conceptualizações baseadas em estádios

Como foi anteriormente mencionado, vários autores referem que existe um *coming out* paralelo dos progenitores. DeVine (1983,1984) foi o precursor desta perspetiva, sugerindo que os familiares mais próximos de jovens pertencentes a minorias sexuais experienciavam cinco estádios de ajustamento. Esta perspetiva vai de encontro à teoria sugerida por Cass (1979) acerca do desenvolvimento e ajustamento das identidades gays e lésbicas. Os cinco estádios de ajustamento de DeVine (1983-1984) são a consciência subliminar, o impacto, o ajustamento, a resolução, e, finalmente a integração. Os primeiros três estádios caracterizam-se por um sentimento negação em aceitar que um dos membros da família é homossexual. Os restantes dois estádios caracterizam-se por sentimentos de tolerância e aceitação, onde voltam a integrar o membro com orientação sexual não normativa na dinâmica familiar.

Anderson (1987) sugere que o ajustamento parental segue um padrão semelhante ao do luto. Os seus trabalhos basearam-se em entrevistas a jovens pertencentes a minorias sexuais que frequentavam grupos de apoio. Estas

entrevistas pretendiam explorar como eram as relações, destes jovens, com os seus familiares e grupo de pares. Através deste método, o autor sugere três estádios de respostas parentais: (1) choque e negação – quando as figuras parentais descobrem que os descendentes têm uma orientação sexual não normativa; (2) raiva e culpa - quando as mães e os pais procuram encontrar razões para a homossexualidade dos/as filhos/as. Por vezes, colocam a culpa em si mesmos, relacionando a orientação sexual com um mau desempenho parental; (3) e, finalmente, o reconhecimento - quando as figuras parentais aceitam a orientação sexual dos seus descendentes. Pachankis e Goldfried (2004) também seguem esta linha inspirados modelo de estádios do luto de Kubler-Ross (1969), da seguinte forma: Negação; Raiva; Culpa; Aceitação e Esperança. Ou seja, tais comportamentos, por norma, iniciam-se na Negação e no término da escalada, podem atingir a aceitação.

Perspetivas fenomenológicas

Este tipo de investigação procura descrever as experiências internas das figuras parentais e demonstra que estes têm uma tendência para se preocupar com as causas da homossexualidade dos/as filhos/as (Bernstein,1990). Estas perspetivas chamam a atenção para sentimentos e experiências parentais, como o pânico, sentimentos de tristeza e perda, medo pela segurança dos seus descendentes, vergonha, introspeção e crescimento pessoal (Savin-Williams, 2006).

Por vezes, existe um afastamento emocional entre progenitores e descendentes, originado pela dissonância (cognitiva e emocional) que as figuras parentais sentem, entre as mensagens homofóbicas que interiorizaram da sociedade e o amor que sentem pelas/os filhas/os. Esta dissonância origina, assim, uma sensação de exclusão por parte das figuras parentais: sentem-se retirados da participação na vida dos seus descendentes, da exposição social e de atividades rotineiras que eram usuais (Saltzburg, 2004).

As preocupações dentro do seio familiar também são sublinhadas. Uma das, mais relatadas na literatura é como será o futuro do filho, fazendo este, parte de uma minoria sexual. Herdt e Koff (2002), e Saltzburg (2004) referem os seguintes medos de pais e mães: medo que as/os filhas/os os excluam da sua vida quando entrarem no mundo gay; que sejam rejeitados pela sociedade, nomeadamente,

pelos pares; que sejam vítimas de violência; que sejam excluídos da congregação religiosa à qual pertencem; que sejam promíscuos e não encontrem um parceiro com quem possam estabelecer uma relação duradoura; e, finalmente que contraíam VIH/SIDA. As reações mencionadas anteriormente, podem ser exacerbadas dependendo do contexto cultural em que ocorrem. Se numa determinada comunidade, as crenças religiosas são marcadamente tradicionais e orientadas para o casamento e descendência, a homossexualidade é encarada como sendo anti-família e anti-comunidade. Deste modo, o indivíduo pertencente à minoria sexual é percebido pela sociedade e, muitas vezes, pelo próprio núcleo familiar como sendo uma ameaça à proliferação da cultura (Newman & Muzzonigro, 1993).

As figuras parentais mantêm, por norma, um forte desejo de possuir proximidade com os seus filhos e filhas (Bernstein, 1990) e o contrário também se verifica, isto é, os/as filhos/as também possuem esse anseio (Savin-Williams, 2006). Por vezes, os pais e mães podem adotar uma postura de afirmação da homossexualidade, incorporando experiências dos seus descendentes nas suas próprias vidas. Algumas figuras parentais podem tornar-se ativistas proactivos no combate ao heterossexismo, influenciados pelos seus filhos e filhas. Outros, estando já poderiam estar já comprometidos com as causas sociais, apenas, incorporaram estas questões que estavam, possivelmente, em falta (Savin-Williams, 2006).

Fatores que interferem na aceitação parental

Como foi referido anteriormente, as condições em que o *coming out* ocorre podem influenciar as reações parentais. Na presente dissertação, estas questões são exploradas, tendo em conta o tipo de informações que as mães e os pais já possuíam ou foram adquirindo ao longo do tempo; o tipo de suporte que lhes é fornecido e o tipo de funcionamento nos vários sistemas familiares.

Ben-Ari (1995) sugere que antes de contarem aos seus progenitores acerca da sua orientação sexual, os jovens, devem educá-los para estas questões, para que o processo de aceitação seja mais fácil de concretizar. Num outro estudo, este autor acrescenta que quando estas minorias revelam a sua orientação sexual com o objetivo de aumentar a intimidade e proximidade familiar, as reações parentais a

esta informação serão, provavelmente, mais positivas. Várias linhas de investigação que se debruçam sobre este tema, referem que expor e fornecer informações aos progenitores acerca do mundo e dos estilos de vida da comunidade gay, podem facilitar o processo de aceitação. Este tipo de abordagem permite-lhes reorganizar as crenças que possuíam acerca dos estilos de vida das minorias sexuais e a desenvolver visões alternativas das expectativas acerca do futuro dos seus descendentes (Bernstein, 1990; Savin-Williams, 2006).

A grande maioria das famílias dificilmente explora ou discute questões acerca da homossexualidade (Savin-Williams, 2006). Tal como afirma Kusnetzoff (1991), assumir uma identidade sexual perante a família pode levar a uma crise nos subsistemas familiares. O subsistema marital, normalmente, é afetado quando as mães e os pais recebem a notícia de que o filho ou filha não é heterossexual. Por vezes, as opiniões do casal em relação à orientação sexual dos/as filhos/as divergem e este pode entrar em rutura. Outras vezes, o casal pode criar uma maior coesão marital, desenvolvendo esforços em conjunto para compreender melhor os estilos e padrões de vida gay e resolver este processo de forma positiva (Crosbie-Burnett, M., Foster, T. L., Murray, C. I., & Bowen, G. L.; 1996; Savin-Williams, 2006;). A natureza das relações familiares, estabelecidas antes do *coming out* é apontada como o fator chave do processo de adaptação parental. Vários investigadores concluíram que quanto mais próxima a relação com uma das figuras parentais, antes do *coming out*, mais facilmente esta relação de proximidade se manteria nos períodos subsequentes. Esta situação verificava-se, mesmo que, num período inicial a relação fosse afetada por uma reação parental mais negativa (Ben-Ari, 1995; Savin-Williams, 2006). Savin-Williams (1998), através dos seus estudos demonstra que 60% a 80% dos jovens revela a sua identidade sexual, em primeiro lugar, às mães e apenas 30% a 65% revela aos pais. A idade e o sexo também são apontados como fatores preponderantes nas respostas parentais à “saída do armário”. Savin-Williams (2006) explorou este tipo de dinâmicas, tendo em conta, também, a idade e o sexo ao qual pertenciam os descendentes. Este autor verificou que tanto pais como mães têm uma maior dificuldade em aceitar filhas lésbicas do que filhos gays. E que os pais, em geral, tem uma maior dificuldade em aceitar o *coming out*, independentemente, do sexo do descendente. Saltzburg (2004) também explorou estas dinâmicas e descobriu que díades pertencentes ao mesmo sexo (mães e filhas e pais e filhos) teriam mais dificuldades no processo de

adaptação à “saída do armário”. E sugere, também, que progenitores que possuam uma idade mais avançada têm uma maior dificuldade em lidar com o *coming out*, quando os seus descendentes são adolescentes.

O suporte também é um fator preponderante na questão da aceitação parental. Muitos pais e mães recorrem a grupos de apoio parental de modo a compreenderem melhor as experiências dos/as filhos/as. A partilha de experiências com outros progenitores que se encontrem na mesma situação é também uma das estratégias mais utilizadas. (Saltzburg, 2004). No caso da realidade portuguesa, existem inúmeros pais e mães a aderir à Amplos.

LaSala (2000) demonstra que, muitas vezes, o processo de integração da orientação sexual dos/as filhos/as, por parte da família será longo e que, nalguns casos ele nunca se processará efetivamente. Uma integração realmente consolidada passaria pela aceitação da homossexualidade dos filhos e filhas, pela partilha dessa informação com todos os membros da família e pela inserção dos/as parceiros/as dos filhos/as no quotidiano e rituais familiares.

CAPÍTULO II- ESTUDO EMPÍRICO

Introdução

A partir da literatura exposta anteriormente, foi possível constatar que o *coming out* dos pais e mães é um processo complexo, que passa por diversas fases e tem implicações, geralmente, dolorosas ao nível experiencial e dos sentimentos envolvidos. Vimos também que existem fatores que podem facilitar ou dificultar este processo. Tendo por base estes pressupostos, o principal objetivo deste estudo é compreender o posicionamento da família nuclear no *coming out* e o funcionamento das relações entre as díades familiares progenitores-descendentes, durante e após a “saída do armário”. Deste modo, pretendeu-se avaliar as reações e as estratégias que as figuras parentais utilizam para “gerir” o *coming out* dos filhos e filhas e o seu próprio *coming out* paralelo. As questões de investigação utilizadas são as seguintes:

1. Avaliar se existe um padrão de resposta comum a todos os pais e mães na forma como lidam com o *coming out* dos filhos;
2. Que estratégias são utilizadas pelos pais e mães para gerirem o processo de *coming out* com os seus descendentes e o seu próprio *coming out*;
3. Avaliar se existiram mudanças nas estratégias e na aceitação dos pais e mães durante o processo de *coming out* dos descendentes.

Neste capítulo descreve-se a metodologia utilizada no presente estudo empírico, sendo este constituído pelas seguintes secções: descrição da amostra; descrição do instrumento de medida utilizado; procedimentos e métodos utilizados; resultados e discussão dos dados recolhidos e, por fim, a conclusão.

Método

Participantes

Esta dissertação foi realizada tendo em conta uma base de cariz qualitativo. Deste modo, foram realizadas 6 entrevistas a 5 mães e 1 pai cujos/as filhos/as já

tenham “*saído do armário*”, tendo em particular atenção, que estes e estas tenham assumido a sua identidade sexual numa faixa etária compreendida entre os 18 e os 27 anos.

Assim, a amostra do presente estudo é construída por 5 mães: Marta, Rosa, Celeste, Manuela e Filomena e por 1 pai: Jorge. Sendo que a Celeste e o Jorge são um casal. Os participantes são residentes na região Norte (Porto, Braga e Póvoa do Varzim) e Centro (Lisboa) do país. Os nomes aqui apresentados são nomes fictícios de modo a preservar a identidade dos entrevistados. A idade da amostra, no momento da entrevista, varia entre os 52 e os 70 anos ($M=59.33$; $DP=7.37$).

No que diz respeito ao Estado Civil, 5 dos participantes são casados e 1 é divorciado. O quadro 1 resume a informação acima referida.

Quadro 1. Participantes

Participante	Idade no <i>Coming Out</i>	Idade do filho/a no <i>Coming Out</i>	Sexo do filho/a	Idade do entrevistado	Idade atual do filho/a	Localização Geográfica	Estado Civil
Manuela	51	26	Masculino	55	30	Lisboa	Casada
Marta	45	17	Feminino	52	24	Lisboa	Casada
Celeste*	63	22	Masculino	66	25	Braga	Casada
Rosa	57	19	Masculino	70	32	P. Varzim	Casada
Filomena	49	23	Masculino	53	27	Porto	Divorciada
Jorge*	57	22	Masculino	60	25	Braga	Casado

*Casal com o mesmo filho

Instrumentos de medida

Os dados recolhidos na presente dissertação, foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas efetuadas a 5 mães e 1 pai cujos filhos já tenham “saído do armário”. As entrevistas tiveram por base um guião, que incluiu oito questões exploratórias, que foram desenhadas tendo em conta o estado atual da arte e os objetivos do presente estudo: (1) Costuma falar abertamente sobre sexualidade com o seu filho/a?; (2) Notou algum tipo de indícios relativamente à orientação sexual do seu filho/a?; (3) Reagiu com surpresa quando o seu filho lhe disse que tinha uma orientação sexual não heterossexual? O que sentiu?; (4) O seu filho/a assumiu-se de forma direta ou indireta?; (5) Estava informado acerca das

questões de diversidade sexual? Como se informou? Foi o seu filho ou filha que o/a incentivou ou fê-lo por iniciativa própria?; (6) A sua percepção inicial acerca da orientação sexual do seu filho/a foi alterada ao longo do tempo? Como e porquê?; (7) Falou com outros indivíduos acerca da orientação sexual do seu filho/a? Com quem? O que priorizou na escolha a quem falar?; (8) Como relaciona o facto de ter falado com outras pessoas com a integração da orientação sexual do seu filho/a na sua vida?.

Procedimentos

Os procedimentos tiveram início com a construção do guião das entrevistas semiestruturadas. Os contactos foram obtidos em rede, isto é, entrou-se em contato com a AMPLOS que forneceu o número de pais e mães associados para posterior contacto telefónico. Um dos participantes (Filomena) foi contactado de modo diferente, isto é, inicialmente falou-se com uma pessoa conhecida que gentilmente cedeu este contacto. As entrevistas foram efetuadas presencialmente e gravadas através de um gravador de áudio. Tiveram uma duração de cerca de 60 minutos cada e foram conduzidas utilizando o guião de entrevista semiestruturado, previamente construído. A análise dos dados recolhidos foi efetuada tendo subjacentes os propósitos da Análise Temática (Braun & Clark, 2006).

Método de Análise

Os dados resultantes das entrevistas foram transcritos e a sua análise foi feita utilizando a Análise Temática de carácter indutivo (Braun & Clark, 2006), como foi acima mencionado. No método de transcrição adotado, os risos e outro tipo de emoções foram colocados entre parêntesis, assim como, a ocultação de informação que pudesse identificar os participantes. Foi feita uma primeira leitura flutuante, e nas restantes outras leituras, tendo subjacente a revisão da literatura estudada, procurou identificar-se temas comuns presentes nas várias entrevistas. Estes procedimentos ocorreram de forma repetida até os dados serem agrupados por temas e subtemas relacionados entre si.

De modo a ilustrar cada um dos vários discursos, nos resultados são apresentados excertos das entrevistas. Estes são apresentados sob a forma de

frases integrais, ou fragmentos de frases selecionados a partir do material em análise.

Resultados e discussão

Nesta secção serão apresentados os temas identificados a partir da Análise Temática de carácter indutivo (Braun e Clark, 2006) e será efetuada uma discussão para cada um deles. Foram identificados três temas: (1) “Saída do armário”- onde se incluem subtemas como, havia suspeita de uma orientação sexual não normativa e quem tomou a iniciativa; (2) Reações posteriores, onde abordam os subtemas “conflitos e contradições”, “não-aceitação” e “aceitação” e finalmente; (3) Estratégias das figuras parentais para ultrapassarem este processo. Os temas e os respetivos subtemas serão apresentados em seguida.

Tema 1: “Saída do armário”

Assumir uma orientação sexual não normativa perante os progenitores e perante a sociedade acarreta muitas implicações no núcleo familiar (Kurashige & Francisco dos Reis, 2010). Na presente dissertação, numa das questões colocadas, procurou perceber-se se existia um diálogo aberto e sem tabus no que toca às questões da sexualidade e da orientação sexual. A partir dos discursos analisados verificou-se que praticamente todos os pais e mães optavam por não ter este tipo de conversas com os seus filhos/as. Apenas falavam se o tema fosse no âmbito das gravidezes indesejadas, das DST/SIDA ou se os seus filhos/as lhes colocassem questões específicas:

Mas os temas que mais falávamos era de gravidezes indesejadas e das doenças sexualmente transmissíveis (Filomena).

Sim, nós falamos abertamente sobre sexualidade e sobre outras coisas. Hum... Desde que as perguntas surjam. Não é? (Marta).

Suspeitas sobre a orientação sexual

Antes da “saída do armário” nenhum dos participantes falava sobre questões de orientação sexual com os seus filhos/as, no entanto, após esse momento, existia uma maior abertura para falar sobre esses temas.

[...] nunca falava desses assuntos com ele (Celeste).

Não costumava falar com ele. Agora que sei da orientação sexual dele, falo mais. Fala-se mais. Mas, apenas pergunto se está tudo bem com o rapaz com quem ele anda (Jorge).

Tal como demonstraram nos seus estudos, (Ben-Ari, 1995; Bernstein, 1990; Savin-Williams, 2006) de modo a facilitar o passo para a “saída do armário” muitos filhos/as, procuram “educar” os seus progenitores para as questões de diversidade sexual. Deste modo, os descendentes vão introduzindo e fornecendo informações sobre este tema no núcleo familiar e, ao mesmo tempo, deixando “pistas” acerca da sua orientação sexual. Relativamente a este tema, as posições foram diversificadas: alguns descendentes não deixaram “pistas” antes de assumir a orientação sexual, enquanto duas mães referem que os seus filhos/as deixaram algum tipo de indício.

Nadinha! Se ele não me dissesse, se não tivesse um companheiro agora não é? Eu continuava a não saber nada. Não questionar nada, porque aquela ideia dos sintomas externos, não sei quê. Têm, os que têm. A maior parte não tem nada (Rosa).

Eu acho que foi pequenas coisas que eu não... lhe consigo traduzir. Percebe? Mas que me deram indícios que eu tive muitas vezes. Mas também não tive uma certeza. Mas era: eu acho que é! Não, parece que não! [...] Ele foi sempre um miúdo muito sensível, mais sensível em certas coisas do que outros miúdos. [...] O facto de não ter namoradas, mas também não era por aí. Não lhe sou capaz de dizer uma coisa certa, mas tive muitas dúvidas durante todo o

percurso dele. Hum... Acho que sim que havia ali qualquer coisa que não estava a bater certo (Manuela).

Apercebi-me era que ela estava apaixonada por uma rapariga. Mas, não. Não tem nada a ver com indícios físicos ou outros (Marta).

Iniciativa

Por norma, os jovens pertencentes a minorias sexuais revelam primeiro a sua orientação sexual aos pares e só depois às figuras parentais (Ben-Ari,1995). Quanto aos progenitores a escolha é feita consoante a figura parental que lhes for mais próxima sendo que por norma, a figura parental preferida para contar em primeiro lugar é a mãe (Savin-Williams, 2006).

Os dados analisados demonstram que o *coming out* dos filhos/as dos/as entrevistados/as ocorreu, na sua maioria, de forma direta, exceto no caso da Manuela e da Marta que foram às próprias a questionar a orientação sexual dos seus descendentes:

[...] Porque ele sabia que eu havia de chegar a uma altura que ia dizer: “Não, isto tem de ser esclarecido. Já me estou a irritar!” [...] As pistas foram de tal maneira dadas que eu já não aguentava mais a minha dúvida. E eu disse: “Senta-te aí que eu te quero perguntar. E perguntei!” (Manuela)

Não, porque fui eu que lhe perguntei. Porque percebi que ela estava demasiado envolvida com aquela rapariga e fui eu que lhe perguntei (Marta).

Quanto à escolha do progenitor para contar em primeiro lugar, a análise das entrevistas revelou que é a figura materna a eleita e só depois a figura paterna. No entanto, no caso do casal Celeste e Jorge a “saída do armário” do filho deu-se ao mesmo tempo para todo o núcleo familiar.

Ele contou à família toda, aproveitou uma ocasião em que estavam cá todos. Inclusivamente eram os meus anos e ele aproveitou para contar praticamente a toda a família (Celeste e Jorge).

De seguida é apresentado o quadro 2 (resumo da “saída do armário”), em que é possível observar que os descendentes são na sua maioria do sexo masculino e que existe uma relação entre a existência de “pistas” e suspeita de uma orientação sexual não normativa e a forma como se efetua o *coming out*. Assim, nos casos em que os descendentes deixaram algum tipo de pista o *coming out* foi indireto e nos restantes casos foi direto. Outro aspeto para o qual, também se chama atenção prende-se com o facto, de que só em pais provenientes da região de Lisboa – é que o *coming out* se processa de forma indireta.

Quadro 2. “Saída do armário”

Participantes	Sexo do filho/a	<i>Coming Out</i>	Suspeição
Manuela	Masculino	Indireto	Sim
Marta	Feminino	Indireto	Sim
Celeste*	Masculino	Direto	Não
Rosa	Masculino	Direto	Não
Filomena	Masculino	Direto	Não
Jorge*	Masculino	Direto	Não

*Casal com o mesmo filho

Tema 2: Reações posteriores

Assumir uma orientação sexual não normativa perante o núcleo familiar pode originar um período de crise (Kusnetzoff, 1991). A partir desse momento, poderão ser desencadeadas determinadas reações parentais que envolvem processos que ainda não estão totalmente compreendidos. Estas podem durar pouco tempo (semanas ou meses) ou estender-se por muito tempo (vários anos). Mas de um modo geral, a literatura sugere que os progenitores tomam uma posição mais aceite com a orientação sexual das filhas e filhos à medida que o tempo passa (Savin-Williams, 2006). À exceção da Manuela e da Marta, todos os participantes referem que reagiram com surpresa, quando os seus filhos/as “saíram

do armário”. A análise dos dados demonstra também que à medida que o tempo vai passando os pais e mães vão integrando a orientação sexual dos filhos/as e adquirindo uma postura mais aceitante. Os excertos apresentados a seguir ilustram estas situações.

[...] O meu, não lhe quero chamar desgosto, porque não foi desgosto. Hum... Eu chorei! Não foi à frente dele. Mas, chorei durante uma semana, não foi todos os dias, mas chorei. Percebi ao fim de um certo tempo que estava a chorar não era por ele. Estava a chorar por mim, pelos meus sonhos que tinha idealizado para o meu filho. (Manuela)

E agora olhe, vou aprendendo a viver. Não é bem assim... Aprender talvez a lidar com esta situação. Estou a adaptar-me. Estou a formatar-me para o casamento se houver que para já não tem namorado. Estou a formatar-me para talvez não ter netos, se tiver só adotados. (Filomena)

Entre o que deve ser e o que é

Por vezes as figuras parentais atravessam um processo de afastamento emocional, provocado por uma dissonância do foro cognitivo e emocional, isto é, sentem-se divididos entre as mensagens homofóbicas que estão presentes na sociedade e pelo amor que sentem pelos seus descendentes. (Saltzburg, 2004). Na análise efetuada, os quase todos participantes referem este “dilema” entre o amor que sentem pelo filhos/as e os padrões discriminatórios ainda bastante presentes na sociedade. Um dos participantes, o Jorge, não demonstra no seu discurso este tipo de dilema.

Os excertos seguintes ilustram as dissonâncias cognitivas e emocionais dos entrevistados:

[...] Mas o M. é o mesmo M. de sempre! Só que eu agora tenho mais pena dele. Tenho muito receio do dia de amanhã... (Celeste)

[...] Muita pena de mim. Não é pena, a gente por mais que não tenha preconceitos. Eu não sou... Eu não me considero uma pessoa preconceituosa. Hum... Não estamos formatados, vá! Digamos assim, para isto! Isto é muito mais fácil nos outros do que em nós. (Manuela)

Estou apenas surpresa, preocupada por ele. Preocupada por ele mas eu adoro-o na mesma, talvez ainda mais, porque me vou preocupar mais com ele do que me preocupava antes. (Rosa)

Mostram, também, dificuldades em aceitar, num primeiro momento, a realidade, encontrando desculpas e justificações para as diferenças:

A minha filha era na altura [...] Sei lá, muito experimental. E eu pensei que podia ser uma fase. Uma coisa que se enquadrava. Ela não era propriamente uma miúda convencional, ela própria. E portanto, pensei que era uma fase, ela própria admitiu, portanto, isso também não me ajudou nada. Porque eu pensei que era uma fase. Tive algum receio. Hum... de... que fosse complicado para ela e para mim e para a envolvência. Foi mais no sentido, como é que vamos todos lidar com isto? Quer dizer, com esta situação? Foi mais este tipo de angústia de perceber que não ia ser fácil falar sobre o assunto. E pronto, foi mais isso. Esse tipo de coisa (Marta).

Por outro lado, algumas entrevistas evidenciam o contato direto com o momento e como este pode ser emocionalmente muito forte:

E disse-me em lágrimas: “Mãe, eu sou homossexual!” Eu fiquei surpreendida, acho que fiquei sem reação quando ele me disse. [...] Choramos os dois. Ainda lhe perguntei: “Filho tens a certeza do que estás a dizer? Estás seguro do que sentes? Isto não é só uma fase?” Ele respondeu-me que não. Eu ainda cheguei a perguntar se queria algum acompanhamento, como por exemplo, ir ao psicólogo e assim (Filomena).

Ao longo destes excertos fica patente a dificuldade, a surpresa, as reações extremas e as tentativas de negação.

Preconceitos da Sociedade

Os pais e mães descrevem preocupações em relação ao futuro dos filhos, nomeadamente, no que diz respeito à discriminação que podem sentir advinda da sociedade (Herdt e Koff, 2002; e Saltzburg, 2004). Se as crenças religiosas num determinado contexto familiar são demasiado tradicionais e conservadoras, a homossexualidade é percebida como sendo anti-família. No presente estudo, os discursos das figuras parentais demonstram, sem exceção as preocupações acima referidas, relacionadas com o futuro dos seus filhos/as, especialmente no que toca às questões profissionais. Uma das mães entrevistadas, a Celeste, demonstra uma preocupação muito avultada em relação à sociedade e às questões religiosas:

[...] O meu medo é amanhã a sociedade, porque ele é assim muito meiguinho. Eu tenho muito medo, tenho pena de morrer e deixá-lo ficar no mundo e que ele não se defenda. Que andem aos pontapés e ele seja maltratado (Celeste).

Eu só acho que quando estão em cafés e assim devem ser mais discretos porque a sociedade não aceita verdadeiramente. Quando estão em casa ninguém tem nada a ver isso. [...]. Mas também não é por aí que a porca torce o rabo, até porque a sociedade vai-se desenvolvendo. [...] cada geração pensa de maneira diferente. Antigamente, as pessoas não aceitavam nem pouco nem muito. Eles tinham de se esconder e resguardados o mais possível para a sociedade não desconfiar senão eles nem tinham trabalho nem tinham nada. Hoje não! Também penso que a sociedade está mais aberta e há empresários que até nem ligam a isso (Jorge).

Não-aceitação: um caminho ainda a percorrer

Tal como foi referido, anteriormente, as reações parentais podem seguir uma escalada que pode iniciar-se na culpa e na negação e podem culminar na aceitação e integração da orientação sexual dos seus descendentes (Anderson, 1987; Pachankis e Goldfried, 2004). Todas as figuras parentais, entrevistadas se percecionavam como estando num estágio de aceitação, no entanto, os dados analisados foram revelando outro tipo de realidades. Por vezes, o processo de integração da orientação sexual do descendente, por parte, da figura parental, poderá nunca acontecer realmente LaSala (2000).

Os dados analisados demonstram que existe apenas uma mãe que ainda têm uma “postura pouco confortável” em relação à orientação sexual do seu filho, a Celeste. Esta mãe teve uma educação muito tradicional e conservadora estando sempre ligada à religião, além de que a sua formação académica é baixa, o que pode ter dificultado o processo de integração e aceitação da orientação sexual do seu filho.

[...] Quando o meu filho deixou de ir á missa, pronto eu até podia prever qualquer coisa, mas não nada me passava pela cabeça. Rezei tanto a nosso senhor para que ele entretanto mudasse. Nosso Senhor não mudou é porque não quis que ele mudasse. Eu pensei na altura que aquilo era uma doença e que tinha cura. Estava muito escura! Nesse sentido, o meu marido é mais vivido que eu (Celeste).

Eu reagi um bocado mal. Chorei, não queria acreditar. [...] ele disse: “Olha é para te dizer que eu sou Gay!” E eu: “Ai meu filho!” E eu desatei por aqui fora e sentei-me ali no sofá e gritei tanto, tanto, tanto. Eles fecharam portas, fecharam varandas, fecharam tudo. (emociona-se e chora.) (Celeste)

Estes dois excertos pertencentes à mesma participante, evidenciam de forma clara as dificuldades sentidas. Apesar desta entrevistada, ter

sempre mantido o contato com o filho e continuar a demonstrar o seu afeto, continua numa fase de não aceitação.

Aceitação

No presente estudo, apenas dois progenitores (Rosa e Jorge) demonstraram ter atingido o pleno da “caminhada” ao ajustamento e integração da orientação sexual dos seus filhos/as. Não só pelo à vontade com que falam acerca deste tema, mas também pelo nível de informação que demonstram ter adquirido durante todo o processo. LaSala (2000) sugere que para as figuras parentais atingirem verdadeiramente a integração da orientação sexual dos seus descendentes devem aceitar homossexualidade dos filhos/as, através da partilha dessa informação com todos os membros do núcleo familiar e através da inserção dos/as parceiros/as dos filhos/as no quotidiano e rituais familiares.

De resto a mim não me faz aflição nenhuma, nem contradição, nem coisa nenhuma. Eu não criei nenhum obstáculo. A minha mulher é que cria. De resto, não há discriminação é tanto filho ele, como o outro filho ou a irmã. São todos tratados da mesma maneira, não há distinção nenhuma. É igual! E não acho isso anormal. É uma coisa normal, é a orientação sexual dele, ponto final. Por mim está tudo bem! (Jorge)

Estudar o assunto, saber do assunto, ter alunos a quem apoiei, tudo isso já não era surpresa. É por isso que muitos pais e mães reagem mal, porque é a surpresa total para eles. Não conhecem as qualidades das pessoas, dos outros jovens que também são. Pensam que aquilo é meu Deus! É um defeito! O que vai ser? Portanto, eu fiquei surpresa, mas olhei assim para ele e disse: “Ó V., pronto, então qual é o problema?” E ele: “Por mim nenhum mãe!” E eu: “Ó filho por mim também não. Tu continuas a ser o filho que eu adoro.” Pronto e abraçamo-nos e foi bonito. Foi assim! [...] Reagi com muita surpresa, não é? Com muita apreensão, muita preocupação, não é? Porque não é uma opção fácil, opção não!

Uma orientação fácil! A opção era para mim na reação com ele (Rosa).

Esta participante, contudo, provinha de um contexto político e profissional que facilitaram a sua reação:

Eu era dirigente sindical ativista de esquerda [...] Tinha experiência pessoal como professora de casos assim na escola [...] Pronto, quando o V. me pôs a questão dele, eu estava preparadíssima, não é? Não por ser ele. São os problemas que a sociedade põe e isso. Eu estava já preparada para isso. [...]

No entanto, é importante ressaltar que outros participantes como a Manuela, a Marta e Filomena também se encontram perto de atingir este estágio mais elevado. No presente estudo não foram considerados como progenitores plenamente aceitantes, porque apesar de já possuírem um nível de informação acerca deste tema bastante adequado os seus discursos falam ainda em “formatações” acerca de situações como o casamento ou a adoção.

[...] Nos primeiros tempos, como lhe disse, aquilo foi um bocado eu a aceitar. Não é a aceitar, mas a digerir as coisas. Ok, vamos cá ver, eu tenho de me estruturar a mim própria. E sei perfeitamente que ele iria estar muito melhor com ele próprio, muito mais feliz se soubesse que não havia nenhum problema da nossa parte. Da minha parte e do pai (Manuela).

Em seguida é apresentado um quadro resumo acerca das reações posteriores das figuras parentais em relação à “saída do armário” dos seus filhos/as. Os dados analisados demonstram que no caso do casal – Celeste e Jorge – temos duas posições antagónicas. A Celeste apresenta uma baixa aceitação em relação à orientação sexual do seu filho. Tal situação pode dever-se ao facto de estar bastante ligada à religião, pertencendo mesmo, a uma associação religiosa (Legião de Maria) e de ainda não estar devidamente informada em relação às questões de diversidade sexual. No caso, do Jorge temos uma elevada aceitação, contrariando o padrão apontado por Saltzburg (2004) de que por norma, os pais têm mais dificuldade em aceitar orientações sexuais não normativas.

Tal como aponta Savin-Williams (2006) tanto mães como pais têm mais dificuldades em aceitar lésbicas. Neste caso concreto, a Marta tem uma aceitação moderada em relação à orientação sexual da filha, na qual ainda se encontra num processo de “formatação” para questões como o casamento e a maternidade. A Filomena e a Manuela encontram-se numa posição semelhante à da Marta demonstrando também uma necessidade de reestruturação nas questões de casamento e de adoção. A Rosa mantém uma aceitação elevada, mostrando que existe já uma integração da orientação sexual do seu filho.

Quadro 3. Reações Posteriores

Participantes	Conflitos e contradições	Preconceitos da Sociedade	Aceitação
Manuela	Visível	Visível	Moderada
Marta	Visível	Moderadamente visível	Moderada
Celeste*	Bem visível	Bem visível	Baixa
Rosa	Pouco visível	Pouco visível	Elevada
Filomena	Moderadamente visível	Moderadamente visível	Moderada
Jorge*	Pouco visível	Pouco visível	Elevada

*Casal com o mesmo filho

Tema 3: Estratégias para ultrapassar a “saída do armário”

Como foi anteriormente referido, o suporte é um fator preponderante na questão da aceitação parental. Muitos pais e mães recorrem a grupos de apoio parental (associações) e a ajuda psicológica de modo a compreenderem melhor as experiências dos/as filhos/as e a integrar uma nova orientação sexual no seio familiar. A partilha de experiências com outros progenitores que se encontrem na mesma situação, ou com amigos e familiares próximos é também uma das estratégias mais utilizadas (Saltzburg, 2004).

Algumas figuras parentais podem mesmo tornar-se ativistas proactivos no combate ao heterossexismo (Savin Williams, 2006).

No caso dos participantes entrevistados, todos exceto a Filomena, recorreram ao associativismo aderindo à Amplos. A segunda estratégia mais utilizada é o falar com alguém próximo, especialmente, familiares, como o marido ou mulher, uma irmã, como aconteceu com a Filomena:

Não. Pessoas de fora, não falei com ninguém. Falei com os meus familiares mais próximos como lhe estava a dizer. Que foram a madrinha e padrinho do A., as minhas irmãs os padrinhos da parte do meu marido.[...] Têm sido o meu apoio. Ela e o meu marido (Filomena).

Eu não falei com ninguém a não ser o meu marido, a minha cunhada e o meu sobrinho. Era na Amplos que falava com outras mães e isso ajudava-me. E ajudar outras pessoas, com os mesmos problemas que nós. E ficar com a mente mais aberta também, não é? (Celeste)

Eu não gosto de falar com pessoas que não conheciam a C., porque achei que com as pessoas mais próximas devia ser ela a falar (Marta).

Curiosamente, poucos referem falar com amigos, pois acham que não devem ser eles a revelar a orientação sexual dos descendentes. Um aspeto interessante encontrado é que o Jorge, sendo caracterizado como um dos pais mais aceitantes, não falou com ninguém a não ser a sua esposa que demonstra uma postura não aceitante (*Eu não falei com ninguém a não ser com a minha mulher (Jorge).*

As figuras que demonstram uma postura mais proactiva no combate ao heterossexismo são a Marta, a Manuela e a Rosa, através da Amplos. Para algumas o próprio ativismo funciona como ferramenta de ajuda pessoal:

[...] Nas associações ao ajudar os outros, eu estou-me a ajudar a mim. Para além do prazer que me possa dar eu estar a defender algo em que eu acredito [...] (Manuela).

[...] É conseguir, assim, ajudar os outros a resolver problemas que eu poderia ter tido. Por acaso não tive, mas foi porque realmente tive um filho diferente. Que decidiu resolver tudo. [...] Mas, por outro lado também acho que isto enriqueceu-me, de tal maneira que houve muita coisa. Muita preocupação minha, mesmo do ponto de vista social, político partidário e sindical que ficou para segundo e terceiro planos. Porque acho que isto é uma coisa de uma grandeza tão grande. Quando se consegue resolver um problema destes. Quando se consegue pôr um filho, ou uma filha de bem com os pais, por este problema. Acho que isto é uma dificuldade, por um lado, mas quando se consegue é de uma grandeza tão grande! [...] Portanto, esta experiência é fantástica, é de uma realização total (Rosa).

Contudo, mesmo para estas pessoas o apoio familiar é fundamental:

Uma das coisas que para mim era muito importante é o que eu chamo de o meu núcleo duro, que são as pessoas que me são mais próximas. A minha irmã, mais duas amigas minhas, uma delas é madrinha dele e digamos mais um amigo meu. [...] Falei com eles e eventualmente com o meu marido. [...] Eu para mim era muito importante. Não que fosse alterar alguma coisa, mas eram as pessoas que se não o aceitassem eu iria ficar muito triste. [...] E eu ao falar com eles era ter um bocado de força, do meu lado. Ok, se vocês estão do meu lado, eu estou pronta para enfrentar o resto (Manuela).

O quadro seguinte resume as estratégias parentais utilizadas para ultrapassar o *coming out* dos descendentes:

Quadro 4. Estratégias utilizadas para ultrapassar a “saída do armário”

Participantes	Usou estratégias	Qual ou quais
Manuela	Sim	Pesquisa na internet e em livros; Membro da Amplos
Marta	Sim	Pesquisa na internet e em livros; Membro da Amplos
Celeste*	Sim	Entrada na Amplos; falar com familiares próximos (primo enfermeiro)
Rosa	Sim	Pesquisa em livros; Membro da Amplos
Filomena	Sim	Pesquisa em livros; falar com familiares próximos (irmã enfermeira)
Jorge*	Sim	Entrada na Amplos; Não falou com ninguém a não ser com a mulher

*Casal com filho em comum

CONCLUSÃO

A sociedade em que vivemos, ainda que se rege, maioritariamente, por padrões e estilos de vida marcadamente heterossexistas, ou seja, privilegiando a heterossexualidade como única forma aceitável de orientação sexual. No entanto, têm-se verificado, atualmente, que apesar de existir ainda bastante discriminação para com as minorias sexuais uma maior abertura para a integração e aceitação de orientações sexuais não normativas e de novos estilos de vida tem vindo a desenvolver-se (Kurashige & Francisco dos Reis, 2010).

A realidade portuguesa não foge a este padrão e foram vários os fatores que afastaram as questões da homossexualidade da ordem do dia. O primeiro relaciona-se com regime político ditatorial que prevaleceu até 1974, o qual se caracterizava por possuir valores demasiado conservadores e tradicionais e onde a religião ocupava um lugar de destaque. Na sociedade da época não existia acesso a determinadas informações, a população era na sua maioria iletrada, a liberdade de expressão não existia e as minorias sexuais eram ostracizadas. Após o 25 de Abril de 1974, o nosso país ficou sujeito a diversas transformações políticas que demoraram o seu tempo a ser totalmente instauradas. Durante este período, vários países europeus, iam já, sofrendo drásticas transformações legais e sociais, no que respeita, às questões de género e à aceitação da homossexualidade. Deste modo, como as elites políticas da época se encontravam, ainda, a estruturar um país, as questões da orientação sexual foram ficando de lado, sendo esta a principal causa do atraso da realidade portuguesa em relação a outros países europeus. Por volta da década de 80 de século passado, a comunidade médica começa a chamar à atenção para as questões da Sida. É só a partir de 1990 que a comunidade LGBT começa a “ganhar alguma cor” no nosso país, na sequência de movimentos de luta contra o VIH/Sida e associações voltadas para as questões de diversidade sexual que vão ganhando alguma visibilidade. (Oliveira, 2010).

A psicologia, contribuiu para a manutenção da segregação das minorias sexuais, pois até meados da década de 70 do século XX, foi mantida uma visão patologizante das orientações sexuais não normativas (Frazão & Rosário, 2008). É em 1973 que a mudança surge, quando a American Psychiatric Association e a American Psychological Association em 1975 decidem retirar a Homossexualidade

do DSM. Esta mudança de paradigma permitiu ultrapassar a obsessão que existia pelas causas e patologia da homossexualidade (Nogueira & Oliveira, 2010).

As atuais linhas de investigação levaram o foco para as atitudes sociais e características psicossociais da comunidade LGBT, estudando-se estes processos de modo mais integrativo (Nogueira & Oliveira, 2010).

O presente estudo teve como principal objetivo avaliar como encaram as figuras parentais a “saída do armário” dos seus filhos e filhas. Pretendeu-se compreender que estratégias e recursos são utilizados pelos pais e mães na aceitação e adaptação à orientação sexual do/a filho/a.

Os principais resultados encontrados, no presente estudo, demonstraram que apesar, de várias das figuras parentais se percecionarem, já, com uma postura de aceitação, a verdade, é que ainda tem um longo caminho a percorrer para uma verdadeira integração da orientação sexual dos seus filhos/as. Foram entrevistados 6 progenitores, 1 pai e 5 mães. Uma das mães (Celeste) foi classificada como sendo não aceitante, uma vez que, demonstrou ao longo do seu discurso não estar devidamente informada acerca das questões de diversidade sexual, encontrava-se a atravessar um processo de dissonância cognitiva e emocional bastante acentuado (religião *versus* orientação do filho). Duas figuras parentais foram classificadas como sendo plenamente aceitantes (Rosa e Jorge). A Rosa possuía um nível bastante elevado de informação acerca das questões de diversidade sexual, devido à sua prática como professora em ajudar alunos/as que estavam em situações de risco advindas da não-aceitação dos seus familiares, da sua ativa participação como sindical de esquerda. Além disto, o seu discurso evidência naturalidade em relação à orientação sexual do filho e atualmente a entrevistada é um membro efetivo da Amplos, ajudando mães e pais que não sabem, ainda, como lidar com a notícia de que os seus filhos/as têm uma orientação não normativa. O Jorge contraria um pouco aquilo que autores como Saltzburg (2004) demonstraram em relação ao facto de que os pais por norma têm mais dificuldade em aceitar. Este pai refere várias vezes no seu discurso que a homossexualidade é uma “coisa normal”, e refere estar à vontade no que toca às questões do casamento. Apesar de não possuir um nível académico muito elevado, este pai demonstra interesse e curiosidade em relação à temática da orientação sexual referindo que lê sobre o assunto e acompanha as questões políticas atuais, referindo várias vezes no seu discurso que “[...] Até lhe digo mais o Governo está de Parabéns, por ter aberto

esta porta porque era um fecho que existia para a sociedade. As pessoas estão a preparar-se, como sabem que o Governo deu a volta a isto, deu mais liberdade e aprovou a lei as pessoas encaram com mais naturalidade.” A Marta e a Manuela foram as únicas mães a questionar diretamente aos seus descendentes acerca da orientação sexual. Ambas se encontram numa postura de aceitação moderada, pois apesar de já possuírem um nível bastante elevado acerca das questões de diversidade sexual e de as viverem diariamente como membros efetivos da Amplos, demonstram ainda a necessidade de se reestruturarem, no que diz respeito, às questões do casamento e da maternidade ou da adoção respetivamente. A Filomena apresenta uma postura de aceitação idêntica à da Marta e da Manuela, mas com a particularidade não ser membro da Amplos nem de ter procurado algum tipo de suporte fora do contexto familiar.

Outro resultado importante advindo da análise das entrevistas, prende-se com o facto de que, num mesmo contexto familiar existirem duas posições distintas, uma não- aceitante e outra plenamente aceitante (Celeste e Jorge), e ainda, do facto de a figura plenamente aceitante ser o pai.

Para investigações futuras é sugerido que se desenvolvam mais investigações acerca do papel que família nuclear desempenha na vida das minorias sexuais, especialmente no contexto português, não só para ajudar a perceber os processos pelos quais os pais passam, mas também para ajudar os profissionais de psicologia a intervir de forma mais adequada em contexto terapêutico.

Este trabalho apresenta, naturalmente algumas limitações. A principal prendeu-se com a dificuldade em encontrar pais que aceitassem falar sobre este tema. Como foi anteriormente referido, praticamente todos os entrevistados são membros da Amplos, à exceção da Filomena. Resultou daqui um número limitado de entrevistas. Pensamos também que teria sido importante a participação de mais pais. Contudo, este fato revela, provavelmente, a maior facilidade das mães em se disponibilizarem para falar deste tema. Por outro lado, e apesar do reduzido número de participantes, penso que conseguimos ainda assim, alcançar uma grande variabilidade de respostas, cobrindo um leque variado de posições. Esperamos, assim ter dado um pequeno contributo em direção a uma sociedade menos preconceituosa de discriminatória.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. V. (2010). O contexto LGBT em Portugal Miguel Vale de Almeida, In Miguel Vale de Almeida, Carlos Gonçalves Costa, Liliana Rodrigues e Miguel Pereira (Eds). *Um olhar da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT* (pp. 55-70). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- American Psychological Association (2008). *Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation and homosexuality*. Washington, DC: Author. Disponível online em <http://www.apa.org/topics/sexuality/orientation>. Acedido a 16 de Março de 2012
- Anderson, D. (1987). Family and peer relations of gay adolescents. *Adolescent Psychiatry*, 14, 162-178.
- Ben-Ari, A. T. (1995). The discovery that an offspring is gay: Parents', gay men's, and lesbians' perspectives. *Journal of Homosexuality*, 30(1), 89-112.
- Bernstein, B. E. (1990). Attitudes and issues of parents of gay men and lesbians and implications for therapy. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, 1(3), 37-53.
- Boxer, A. M., Cook, J. A., & Herdt, G. (1991). Double jeopardy: Identity transitions and parent-child relations among gay and lesbian youth. In K. A. Pillemer & K. McCartney (Eds.), *Parent-child relations throughout life* (pp. 59-92). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Braun, V. & Clark, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77- 101.
- Carneiro, N. S. (2009). *“Homossexualidades”: Uma Psicologia Entre Ser, Pertencer e Participar*. Edição: Livpsic, Porto.
- Cass, V. (1979). Homosexual identity formation: A theoretical model. *Journal of Homosexuality*, 4 (3): 219.
- Crosbie-Burnett, M., Foster, T. L., Murray, C. I., & Bowen, G. L. (1996). Gays' and lesbians' families-of-origin: A social-cognitive-behavioral model of adjustment. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*, 45, 397-403.
- DeVine, J. L. (1983). A systemic inspection of affectional preference orientation and the family of origin. *Journal of Social Work & Human Sexuality*, 2(2-3), 9-17.
- Elliason, M.M. (1996). Identity, formation for lesbian, bisexual, and gay person: Beyond a “minoritizing” view. *Journal of Homosexuality*, 30 (3):31-51.

- Erikson, E. H. (1972) *Adolescence et crise*. Paris: Flammarion.
- Fassinger, R.E; Miller, B.A. (1996). Validation of an inclusive model of sexual minority formation on a sample of gay man. *Journal of Homosexuality*, 32 (2), p. 52-78.
- Frazão, P., Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 26 ,1 p. 25-45.
- Goldfried, M. R., & Goldfried, A. P. (2001). The importance of parental support in the lives of gay, lesbian, and bisexual individuals. *Journal of Clinical Psychology*, 57, 681-693.
- Heilborn, M. L. (1996). *Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social*. In R. G Parker, R. M. Barbosa, (Orgs.). Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p. 136-145.
- Herd, G., & Koft B. (2002). *Tenho uma coisa para vos dizer: O percurso de uma família com um filho homossexual*. Porto: Âmbar.
- Horowitz, J.L; Newcomb, M.O. (2001). A multidimensional approach to homosexual identity. *Journal of homosexuality*, 42 (2):1-19.
- Jones, C. R. (1978). *Understanding Gay relatives and friends*. New York, NY: The Seabury Press.
- Kübler-Ross, E. (1969). *On death and dying*. New York: Macmillan.
- Kurashige, K. & Francisco dos Reis, A. (2010). O processo de afirmação da orientação sexual e suas implicações na vida familiar. *Interfaces da Educação*, 1, 3, 93-102.
- Kusnetzoff, J. C. (1991). Crisis en la familia por explicitación de la homosexualidad de uno de sus integrantes: formas de presentación, informaciones, contención psicológica. *Perspectivas Sistémicas*, 16. Consultado em 17 Março de 2012, <http://www.redsistemica.com.ar/kusnetzoff.htm>.
- LaSala, M. C. (2000). Lesbian, Gay Men, and Their Parents: Family Therapy for the Coming Out Crisis. *Family Process*, 39, 67-81.
- Newman, B.S., & Muzzonigno, P.G. (1993). The effects of traditional family values on the coming out process of gay male adolescents. *Adolescence*, 28 (109), 213-227.
- Nogueira C. & Oliveira J. M. (2010) Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género. In Miguel Vale de Almeida, Carlos Gonçalves Costa, Liliana Rodrigues e Miguel Pereira (Eds). *Um olhar*

- da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT* (pp. 9-17). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer In Miguel Vale de Almeida, Carlos Gonçalves Costa, Liliana Rodrigues e Miguel Pereira (Eds). *Um olhar da psicologia feminista crítica sobre os direitos humanos de pessoas LGBT* (pp. 37-44). Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Pachankis, J. P., & Goldfried, M. R. (2004). Clinical Issues in working with Lesbian, Gay, and Bisexual Clients. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice and Training*, 41 (3), 227-246.
- Rotheram-Borus, M. J., & Langabeer, K. A. (2001). Developmental trajectories of gay, lesbian, and bisexual youths. In A.R.D'Augelli & C. J. Patterson (Eds.), *Lesbian, gay, and bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp. 97–128). Oxford: Oxford University Press.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Saltzburg, S. (2004). Learning that an adolescent child is gay or lesbian: The parent experience. *Social Work*, 49, 109-118.
- Santos, C. (2004). *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico de vivências de gays e lésbicas*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.
- Savin-Williams, R. C. (1998). The disclosure to families of same-sex attractions by Lesbian Gay, and Bisexual youths. *Journal of research on Adolescence*, 8 (1), 49-68.
- Savin-Williams, R. C. (2006). *Mom, Dad. I'm Gay: How families negotiate coming out*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Telljohann, S. K, Price J. H. (1993). A qualitative examination of adolescent homosexual's life experiences: Ramifications for secondary school personnel. *Journal of sexual identity*, 26 (1): 41-56.
- Weinberg, M. S. & C. S. Williams (1974). *Male Homosexuals: Their Problems and Adaptations*. New York: Oxford University Press.